

FEITO NO ESCURO...

por

Olavo Bilac

Ele era branco, e ela branca,
Ambos claros como a luz...
Casaram. Baile de arranca,
E pagodeira de truz...

O mais formoso dos ninhos
Era a casa, à beira-mar,
Onde, como dois pombinhos,
Foram os dois arrulhar.

Só eles... e um cozinheiro,
Que era o crioulo Manuel,
Crioulo lesto e ligeiro,
Obediente... e fiel.

Ali, Amor assentava
Os seus doces arraiais,
E o mar, gemendo, invejava
Aqueles beijos... e o mais.

.....
Nove meses decorridos,
Uma notícia correu:
Escutaram-se os vagidos...
E o morgadinho nasceu!

Que horror! que espanto! o menino,
Filho daquela afeição,
Era belo e pequenino,
Mas... preto como carvão!...

O marido, ardendo em chama,
Fígado cheio de fel,
Quer, ali mesmo na cama,

Estrangular a infiel.

Ela, porém, que o conhece,
Pergunta: — Você que tem?
Você maluco parece...
Refleta um pouco, meu bem!

Bem lhe eu dizia, homem duro!
Porém, você a teimar...
Olhe! o que é feito no escuro,
Sempre há-de de escuro ficar!

Pois... o pobre pequenino...
Feito de noite... bem se vê...
Cada qual tem seu destino....
“O culpado foi você...”

.....
Tudo acaba em alegria...
Mas o Manuel, no fogão,
Malicioso sorria,
E temperava o feijão.

Sobre a Edição

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

Obra sob domínio público.

Edição eletrônica por Rafael Palma: Ter 14/Jun 16 — 01:44:24